

HJORTH & ROSENFELDT

O PEZO DA CULPA

SÉRIE
SEBASTIAN
BERGMAN

7 MILHÕES
DE EXEMPLARES
VENDIDOS

SUMA
de letras

O ódio.

Sentia-se atravessado por ele, preenchia-o de cima a baixo. Era o impulso que o catapultava. Desde que acordava de manhã até que, muitas vezes por pura exaustão, caía no sono por umas horas.

O ódio.

Puro e genuíno.

Há algum tempo que arcava com ele, sobretudo desde aquele fatídico dia, mas antes disso estivera apenas diluído, sendo por vezes até ofuscado por outros sentimentos: pena, desespero, raiva, insuficiência.

Agora não. Agora, todas as outras emoções tinham desaparecido.

Só restava o ódio.

Era um risco que assumia. A noite de junho estava amena e luminosa. O bairro era popular e movimentado. Descer com a mulher inconsciente às costas até à água e, depois de morta, regressar ao carro, não deixava de ser um ato de autêntica temeridade. Poderia aparecer alguém a qualquer momento, vê-lo e, antes que ele pudesse dar sequer o primeiro passo, fazer gorar por completo a vingança planeada.

A mulher.

Sentia pena genuína dela.

Era inocente. Além disso, também era uma vítima bonita. Mas, infelizmente, algumas eram obrigadas a morrer. Ele lamentava de verdade, desejava com todo o seu coração que

tivesse havido outra forma, outro caminho. O facto de ser necessário tirar vidas era o que o fizera duvidar, dedicar algum tempo a procurar alternativas, mas não as havia. Era a única coisa que despertaria o interesse de que andava à procura, a atenção de que precisava.

Na televisão e nos filmes, matar parecia tão fácil. A quem lesse a imprensa e ouvisse *podcasts* de crimes, dava a sensação de que qualquer pessoa era capaz de tirar a vida a outra.

Matar, porém, não era assim tão simples.

Ele agradecia o facto de a mulher estar inconsciente, de não oferecer resistência enquanto ele a mantinha sob a superfície, mergulhando a sua bota de borracha nos escassos vinte centímetros de água que por ali havia. Chorava, mas não podia evitá-lo; a morte daquela mulher era algo necessário.

Tal como rezava o livro:

«Era importante que ele entendesse, que ele soubesse, que era dirigido contra ele. O impulso não era o ato de matar em si, isso era um desafio, uma comparação de forças. Hinde queria, por procuração, comparar-se-lhe. Era uma luta de titãs.»

Uma luta de titãs.

Dois intelectos brilhantes num duelo.

A mulher no porta-bagagens era a primeira. Quantas se seguiriam era algo que dependia inteiramente do seu adversário, se é que era na verdade tão inteligente como ele próprio costumava dizer.

Aquele sacana arrogante.

Sebastian Bergman.

De volta uma vez mais.

Andara deliberadamente a evitar a cidade, há meses que não punha lá os pés, não fazia uma visita desde que fez parte da Unidade de Homicídios para investigar um violador em série que afinal era uma mulher e que o fizera sofrer um dos períodos de maior ansiedade de toda a sua vida. Alguns meses em que julgou que poderia ser o pai de...

Não! Nada de voltar a pensar nisso. Tudo correu bem. Ele era o avô de Amanda, nada mais.

Pelo menos a nível biológico. Amanda chamava-lhe Sebastian. A quem chamava avô era a Valdemar. Era complicado. Como tantas outras coisas entre ele e Vanja.

A sua filha.

Chefe da Unidade de Homicídios desde que Torkel fora forçado a pedir a pré-reforma.

O seu primeiro caso como responsável máxima foi resolvido muito rapidamente. Dois francoatiradores de Karlshamn. Mas ninguém falava disso. Tudo ficara ofuscado pelo facto de Billy, que fizera parte da equipa durante muitos anos e que era o melhor amigo de Vanja — talvez o único que tinha, pensava por vezes Sebastian —, se ter revelado um assassino em série.

Foi a razão que o fez regressar a Uppsala.

Por isso, não parava de pensar no assunto.

Até mesmo enfrentar o desafio mais difícil era mais fácil do que lidar com o facto de um colega em quem confiavam, que todos apreciavam e que julgavam conhecer, ter andado

de um lado para o outro durante anos a fio a matar pessoas. Após a dramática detenção, na qual tanto Torkel como Ursula quase perderam a vida, Billy transformara-se. Confessou tudo sem rodeios, mostrou-se cooperante, explicou detalhadamente como agira e onde escondera os corpos. No início, Sebastian tivera a sensação de que não passava de um jogo, de uma forma de tentar obter uma sentença menor no julgamento que o esperava. Mas a única condenação plausível era a prisão perpétua, e quanto mais tempo passava, quanto mais vezes se reuniam, maior era a sua certeza de que Billy se sentia genuinamente aliviado por ter sido detido.

Por tudo ter acabado.

Sempre soubera que estava a agir mal, vira-se a braços com a vergonha e o arrependimento entre um homicídio e o seguinte, mas o impulso, a necessidade, fora demasiado forte. Não conseguira resistir. Apesar de saber que lhe poderia custar muito caro. O próprio Billy lho dissera, numa das muitas conversas que tinham mantido desde a sua detenção: quando My ficou grávida, quando ele soube que ia ser pai, decidiu parar. Não se deixar levar. Tinha muito a perder. Poderia perder tudo. Depois, foi parar a Karlshamn, e deparou-se-lhe a oportunidade de cometer o que ele pensava que seria o crime perfeito.

Uma última vez. Um último homicídio.

Mas não era essa a razão pela qual Sebastian estava de regresso a Uppsala.

Era por causa do primeiro homicídio, a quarta vítima.

Billy abatera duas pessoas em serviço. Em ambas as ocasiões, depois de completar as investigações posteriores, fora absolvido, mas isso foi a origem da sua necessidade, o momento em que sentiu pela primeira vez a associação doentia entre o matar e o prazer. Foi quando saboreou o poder absoluto que advinha de agarrar a vida de outra pessoa com as próprias mãos

e de a arrebatá-lo. A terceira vítima fora Jennifer, uma colega com quem mantivera uma relação amorosa, mas essa também não fora premeditada. Billy nem sequer se apercebera de que a tinha matado, até que na manhã seguinte a encontrou sem vida na cama, depois de uma noite bastante húmida. Um acidente, foi a explicação que deu.

Não se poderia dizer o mesmo de Hugo Sahlén. Dezassete anos. O pai dele tinha um consultório veterinário em frente a um local onde, a certa altura, um grupo de mulheres vendia serviços sexuais. Hugo, o habilidoso, engrossara a sua bolsa de estudo à custa de fotografar os putanheiros e os seus carros, encontrá-los através do portal da Direção Nacional de Trânsito e extorquir-lhes dinheiro. Pequenos montantes, apenas algumas centenas de coroas. Uma quantia razoável para não ser denunciado.

A não ser que uma pessoa fosse polícia.

A não ser que fosse Billy Rosén.

— Aqui à esquerda — ouviu-se do banco de trás. A mulher que conduzia o carro descaracterizado, Therese «Qualquer-Coisa», Sebastian não fixara o apelido, ligou o pisca para o carro da polícia que vinha atrás saber que iam virar.

— Tens a certeza? — disse Sebastian, e virou-se para o banco de trás.

Billy, algemado atrás da grade, olhava pela janela lateral. Tinha o rosto inexpressivo, como era usual ultimamente. O olhar quase sempre fixo no horizonte. Limitou-se a acenar brevemente com a cabeça.

— Este não é o caminho que disseste antes — afirmou Therese Qualquer-Coisa, um tanto ou quanto contida.

— Peço desculpa, mas este é o caminho certo... Não me lembro muito bem, naquele dia estava bastante... — Billy remeteu-se ao silêncio.

Por um momento, Sebastian pensou de que forma Billy poderia ter continuado a frase. Estava bastante quê?

Nervoso? Agitado? Pedrado?

Todas as palavras lhe pareciam demasiado pequenas e fúteis para descrever a sensação que Billy deve ter tido depois de ter acabado com a vida de uma pessoa tão jovem a sangue-frio. Fora certamente por isso que se remetera ao silêncio.

Os outros corpos já tinham sido encontrados. Não fora necessária a presença de Billy, bastara-lhes dispor de mapas e comunicação direta por telefone com alguns dos polícias para os orientarem corretamente. Com Hugo Sahlén, porém, não funcionara. Após as indicações de Billy, tinham procurado em três zonas diferentes, sem obter nenhum resultado, e, no final, fora tomada a decisão de que ele próprio os acompanhasse.

Tinham-se reunido num sítio chamado floresta primária de Fiby, no local em que Billy assassinara o adolescente, estrangulando-o, nas suas próprias palavras. Depois de descrever sucintamente os acontecimentos como se recordava deles, tinham entrado num dos carros e foram-no deixando indicar o caminho.

Agora metiam-se por um caminho de terra que era pouco mais do que dois rastos de rodas com uma faixa de erva no meio.

— Onde é que estamos? — perguntou Sebastian em voz alta.

— Não tenho a certeza, nalgum sítio de Stora Branden — respondeu Therese Qualquer-Coisa, mas Sebastian não se interrogou relativamente a o que seria Stora Branden; supôs que se trataria de uma área recreativa, uma reserva natural ou algo do género. Não tinha importância.

— A seguir à curva há um ponto de encontro¹ — disse Billy em voz baixa do banco de trás. — Pára aí.

Efetivamente. Viraram e estacionaram em frente à placa do ponto de encontro. O carro que vinha atrás imitou-os.

— Fica um pouco mais para dentro, naquela direção — informou Billy, apontando com a cabeça para a densa floresta que via para lá da janela direita.

Therese Qualquer-Coisa desligou o motor e saiu da viatura. Abriu a porta do banco de trás e ajudou Billy a sair. Sebastian tirou o cinto de segurança e saiu para os acompanhar. Os agentes da outra viatura soltaram um cão da jaula que levavam no porta-bagagens. Billy apontou novamente para as árvores com a cabeça, e toda a comitiva começou a andar em silêncio.

Sebastian olhou para Billy pelo canto do olho enquanto caminhavam. As feridas que Torkel lhe causara já tinham cicatrizado, o único vestígio eram os restos de um hematoma no olho, um matiz amarelado junto ao septo nasal, logo abaixo de um dos olhos. Billy perdera a maior parte da visão no olho esquerdo, mas não era algo que fosse perceptível. Quando chegasse a hora do julgamento, teria o mesmo aspeto de sempre.

Afável, arranjado, eloquente.

«Não tem ar de assassino em série», diriam as pessoas.

Mas ainda faltavam vários meses até esse processo. A investigação do caso era extensa e levaria o seu tempo. Sebastian fazia figas para que, com um pouco de sorte, o julgamento coincidissem com a publicação do livro. Um jornal batizara Billy como *O polícia assassino*. Tinham-no escrito com letras pretas em fundo branco por cima de cada artigo publicado sobre ele.

¹ No original sueco: *mötesplats* (literalmente, «ponto de encontro»). Um *mötesplats* é um alargamento da via, para um dos lados, que permite a passagem de dois veículos que se cruzam. O veículo que chega primeiro ao *mötesplats* deve parar na sua faixa e aguardar pelo veículo que se aproxima. (*N. do T.*)

Era um bom nome.

Um bom título.

Se Sebastian se apressasse ligeiramente e conseguisse terminar o livro, este despertaria muito interesse. A sua obra anterior, *O Discípulo*, não tinha vendido tão bem como os antecessores. Não recebera a mesma atenção nem fora tão comentada. Por conseguinte, as aparições na televisão e as colaborações em *podcasts* tinham sido escassas e já ninguém parecia interessado em contratá-lo para dar palestras. Sebastian não tinha uma rede de segurança a que recorrer nem favores para aproveitar, pois tornara-se *persona non grata* na maioria dos sítios, e as pessoas que, em teoria, poderiam ter-lhe dado uma ajuda evitavam-no claramente. Tinha dinheiro mais do que suficiente para se sustentar, mas a sua carreira profissional só lucraria com um empurrãozinho, agora que já estava na reta final. Afinal, tinha mais de sessenta anos...

Já tinham passado quase seis semanas desde a detenção de Billy, mas, apesar disso, continuavam a publicar artigos sobre ele todos os dias. Se encontrassem Hugo Sahlén, escreveriam ainda mais. O único problema de escrever sobre Billy e os seus atos era que Sebastian não tinha a certeza se as conversas e os encontros que tinham mantido poderiam dar origem a um livro.

Billy não dera autorização. My também não.

Não que Sebastian precisasse disso, ele podia escrever o que quisesse e sobre quem quisesse, mas dado que os seus encontros tinham ocorrido sob a premissa de que Sebastian queria ajudá-lo, esclarecer o que acontecera, desvendar todas as emoções, tentar encontrar um caminho para seguir em frente, ser um elo entre ele e My — que se recusava a ver Billy —, Sebastian podia considerar-se o terapeuta do antigo polícia. E, como tal, não podia escrever uma única frase. Se fosse apenas antiético, não se importava, mas não podia dar-se ao luxo

de que fosse também ilegal. Não tinha forças para enfrentar denúncias nem correr o risco de perder num processo judicial que poderia arrastar-se. Ao mesmo tempo, não havia nada escrito entre eles, Sebastian não tinha nenhuma tarefa oficial de natureza terapêutica. Nem de Billy, nem de My, nem do serviço penitenciário. Ele era apenas... um amigo.

Um apoio numa época difícil.

Um apoio que queria lucrar com isso.

— Como te sentes agora? — perguntou Sebastian, ao mesmo tempo que Billy apontava para a direita e todos abandonavam o caminho que tinham percorrido. Billy não respondeu, limitou-se a continuar a andar enquanto olhava para um lado e para o outro. — Como te sentiste naquele dia? Lembras-te?

— Como está a My? — perguntou Billy, em vez de responder.

Sebastian não foi apanhado de surpresa. Quanto mais Billy assimilava os seus atos, quanto mais claras ficavam as consequências, mais lhe custava verbalizar as suas emoções. Sebastian fora vê-lo quando estava em prisão preventiva e tinham realizado sessões em que Billy mal abria a boca.

— Pode dizer-se que lhe deste cabo da vida — respondeu Sebastian, encolhendo os ombros. Nada que Billy não soubesse.

— Mas está bem? As crianças estão bem?

— Não está bem, precisa de um tempo.

— Continuas a vê-la?

— Sim.

— Mandas-lhe cumprimentos meus?

— Não os quer.

Billy assentiu com a cabeça e parou. Apontou para a floresta à esquerda, para uma grande árvore tombada cujas raízes

tinham sido arrancadas do chão entre dois enormes pinheiros e que faziam lembrar as mandíbulas abertas da baleia a emergir das profundezas num filme do Pinóquio.

— Está ali. Na parte oca das raízes. — Os dois polícias da unidade cinotécnica aproximaram-se do local. — Está tapado com pedras e terra.

Quando faltavam escassos metros, o cão marcou o rasto. Therese Qualquer-Coisa afastou-se para o lado e pediu reforços. E ferramentas para cavar. Um dos polícias da unidade cinotécnica começou a entrar com cuidado na cavidade. Billy ficou a olhar. Uma lágrima solitária rolou-lhe pela face. Era impossível dizer se estava a chorar pela sua própria situação ou pela vítima. Sebastian também não lhe perguntou.

Tinha a certeza de que nem o próprio Billy sabia.

— Senta-te.

Rosmarie Fredriksson apontou com a cabeça para uma das cadeiras do outro lado da mesa. Vanja fez o que lhe tinham pedido. Cruzou as pernas, reclinou-se ligeiramente no encosto e tentou parecer tão relaxada quanto possível, apesar de se sentir como se a tivessem chamado ao escritório do diretor para levar uma reprimenda. Não que isso alguma vez lhe tivesse acontecido. Nos seus tempos de estudante, não era de passar pelo gabinete de quem quer que fosse. Também nunca estivera no de Rosmarie Fredriksson, pelo que aproveitou para dar uma rápida vista de olhos. O gabinete ficava numa esquina. Penúltimo andar. Vista para Kronobergsparken e para a Kungsholmsgatan. Quadros bastante insípidos nas paredes, mas ela não percebia nada de arte, até podiam valer uma fortuna. Numa mesinha de apoio junto a uma das janelas, havia um vaso com lírios que espalhavam a sua leve fragrância doce por todo o aposento. Secretária e duas cadeiras. A um canto, três poltronas pequenas ao redor de uma mesa de centro, tudo isto sobre um tapete grosso de amplos padrões. Outra mesinha de apoio com cafeteira. Um recanto para encontros muito mais relaxados do que iria ser este.

— Como vai isso?

Com uma dose de gentileza, a pergunta poderia ser interpretada como uma demonstração de consideração, um interesse genuíno pelo estado de espírito de Vanja e de toda a sua equipa após os emocionantes acontecimentos das últimas

semanas, mas não havia nada, nem no tom nem no olhar de Rosmarie, que corroborasse esta teoria.

— Com o quê? — quis saber Vanja.

— Com a tua unidade.

— A Ursula já voltou, pelo que vamos trabalhando, eu, ela e o Carlos — respondeu Vanja, encolhendo discretamente os ombros. Que outra coisa poderia dizer, realmente? Billy traíra-a de uma forma que Vanja julgava ser impossível alguém trair outra pessoa, e até tentara matar Ursula. Qualquer pessoa com a mínima capacidade de empatia deveria entender como as coisas estavam na sua unidade.

— Pois. — Rosmarie levantou-se e dirigiu-se à cafeteira.

— Da Unidade de Homicídios não resta grande coisa, não é?

— Não, vamos ter de recrutar pessoal novo.

— Se é que vão continuar. Café?

Vanja ficou tão admirada que se limitou a assentir em silêncio. Rosmarie premiu um botão da máquina, e esta começou a moer sementes com um volume que impossibilitava a continuação da conversa. De qualquer forma, Vanja também não sabia o que dizer. Por isso, manteve-se calada enquanto a cafeteira enchia a chávena branca. Rosmarie aproximou-se dela para lha dar.

— Se é que continuamos? — perguntou devagar depois de Rosmarie voltar a sentar-se à mesa.

— Supostamente são uma das melhores unidades do país e nem sequer descobriram que tinham um assassino em série entre vocês. Não inspira muita confiança, digamos assim.

— Ele soube escondê-lo muito bem e era um colega, um amigo...

Vanja remeteu-se ao silêncio. Apercebeu-se de que tinha dado uma resposta mais defensiva do que pretendia. Mais do que deveria ser necessário. Mesmo uma polícia puramente

de gabinete deveria perceber que: a) se havia alguém capacitado para cometer crimes e safar-se, era um inspetor de homicídios treinado, inteligente e experiente; e b) ninguém passava a vida a suspeitar que os seus colegas tinham cometido crimes que nem sequer tinham sido descobertos.

— Vocês fazem parte do Departamento Operacional Nacional, cuja chefe sou eu.

— Eu sei — disse Vanja, entendendo imediatamente o rumo que a conversa estava a levar. Iria ser testemunha do que tanto Sebastian como Torkel tinham comentado em várias ocasiões ser a principal característica de Rosmarie Fredriksson: salvar a própria pele.

— Vou ser sincera — disse a chefe, debruçando-se sobre a mesa e lançando a Vanja um olhar que ela certamente julgava ser confidencial, mas que fazia lembrar mais o de uma serpente que tivesse avistado um rato desprotegido. — Quando uma das minhas unidades se afunda na merda, eu também apanho com os salpicos.

Vanja limitou-se a acenar com a cabeça; o que poderia ela dizer a esse respeito? Para não parecer desinteressada, bebeu um gole de café e assentiu novamente, agora com um pouco mais de ímpeto, como se mostrasse que realmente entendera a gravidade da situação.

— Mas tenho uma ideia graças à qual tanto eu como vocês poderíamos sair mais ou menos ilesos.

Vanja também não respondeu a esta observação, convencida como estava de que ouviria a continuação, independentemente da sua vontade.

— Precisamos de um bode expiatório — prosseguiu Rosmarie, reclinando-se na cadeira e deixando Vanja tensa.

— Quem? — perguntou em voz baixa, apesar de ter a certeza de que já sabia a resposta. Ela era nova, relativamente

jovem, e era o seu primeiro cargo de chefia. O princípio de Peter: um colaborador de sucesso que foi promovido a um nível para o qual era incompetente. Vanja nem sequer sabia se o seu lugar fora anunciado da forma correta. Ela só... ficara com o lugar quando Torkel se mostrara incapaz de o ocupar. Perfeito. Foda-se! Vanja jamais conseguiria um novo emprego se fosse considerada responsável por aquela tempestade de merda.

— O Torkel — disse Rosmarie com um tom de tamanha obviedade que qualquer outra hipótese teria sido impensável. Vanja sobressaltou-se, por pouco não deixando cair o café. De todos os nomes que havia, aquele era o último que esperaria ouvir. — Faremos com que não haja dúvidas de que tudo isto se passou durante o mandato dele — prosseguiu Rosmarie. — Mencionaremos os problemas dele com o álcool de forma subtil, dando a entender que tinha o juízo toldado.

— O Billy agiu daquela maneira durante vários anos — replicou Vanja. — Os problemas do Torkel começaram quando a Lise-Lott morreu.

— Foi por essa razão que se viu obrigado a afastar-se.

— Todos trabalhámos com o Billy. Ninguém suspeitava de nada. Nem sequer o Sebastian.

— O Sebastian, pois... — A boca de Rosmarie contraiu-se no que tanto poderia ser um sorriso de satisfação como um esgar de desagrado. É impossível saber. — Examinei os contratos dele, quando os havia.

— Trabalhava mais como consultor...

— Costumamos assinar contratos até com os nossos consultores. E a ele nunca foi feito nenhum exame de segurança, pelo que pude ver.

— O Torkel conhecia-o bem.

— Mas não é desta forma que colocamos as pessoas em cargos de responsabilidade, não é verdade?

— Ainda não.

Vanja afundou-se ligeiramente na cadeira. Conseguia ver tudo o que estava para vir. Os meios de comunicação iriam escarafunchar tudo à procura de material sobre Torkel desde os seus primórdios. Vanja sabia que a época que se seguiu ao primeiro divórcio dele também não estava isenta de problemas. De Rosmarie podiam dizer-se muitas coisas, mas a sua capacidade de escolher um bode expiatório credível era invejável. Anos de treino, supunha Vanja.

— Sabes o que é que as pessoas pensam? — perguntou Rosmarie, interrompendo as suas reflexões.

— De quê?

— Das chefias. Sobretudo das chefias da administração pública... Às quais, tal como acontece aos políticos, nunca lhes é exigida responsabilidade, e saem sempre ilesas de tudo. Se lhes retiram os cargos, normalmente é para as promoverem. — Lançou um olhar a Vanja que lhe fez logo lembrar o de uma política em altura de eleições. Um olhar que garantia que a suposição de Rosmarie era uma verdade indiscutível e que a chefe não estava disposta a aceitar nenhuma réplica. Vanja também não tinha nenhuma. — Chegou a hora de alguém assumir a responsabilidade pela sua má liderança.

— O Torkel é o melhor chefe que já tive. — «Cem vezes melhor do que tu», apeteceu-lhe acrescentar, mas esperava que o seu olhar transmitisse essa ideia. Se o fez, Rosmarie Fredriksson ignorou-o completamente.

— Dou-te uma oportunidade de salvar a Unidade de Homicídios, o teu trabalho.

— E de eliminar toda a má publicidade que possa recair sobre ti. — Vanja quase mordeu a língua. Demasiado duro? Demasiado sincero? O facto de, por enquanto, Rosmarie ter a mira apontada para Torkel não era garantia de que ela estivesse

a salvo. Rosmarie, porém, limitou-se a encolher ligeiramente os ombros.

— E sobre ti. É um favor que te faço. Tu serás o futuro. A novidade. A jovem mulher que tem de limpar o rasto deixado por um abuso de poder dos homens mais velhos que a precederam.

— E se eu não quiser ser a tal mulher jovem?

Rosmarie olhou para ela como se não conseguisse entender completamente o que Vanja queria dizer. Como uma menina respondona que replicava só porque podia, não porque fosse conseguir alguma coisa. Exalou o ar com um pequeno suspiro e Vanja interpretou isso como o primeiro sinal de irritação vindo da sua superiora.

— Então, o mais provável é que seja feita uma investigação interna e que se chegue à conclusão de que a unidade não teve o devido acompanhamento e de que está fora de controlo. Haverá uma reorganização, com a qual a Unidade de Homicídios deixará de funcionar como um departamento autónomo.

— Isso é chantagem.

Rosmarie voltou a inclinar-se para a frente.

— Tu não ficarás nos Homicídios, Vanja. Chegarás mais alto. — Pela primeira vez, Vanja pareceu perceber uma genuína cordialidade em Rosmarie. Como uma mentora que partilhava um dos seus segredos para que a adepta pudesse alcançar todo o seu potencial. — É este o jogo que terás de aprender a jogar.

— Vender os meus amigos?

— Lutar pelo que é realmente importante para ti.

Vanja manteve-se em silêncio. Desde que teve Amanda, tinha outras prioridades, o trabalho e a carreira já não eram a coisa mais importante na vida, mas, sim, ainda era ambiciosa, queria chegar longe. Tanto quanto possível. Mas não a qualquer preço.

— O Torkel é importante para mim.

Rosmarie reclinou-se novamente na cadeira e agora nem sequer tentou disfarçar o suspiro de irritação. Apoiou as mãos na secretária e levantou-se de uma maneira que não podia ser interpretada senão como um sinal de que a reunião chegara ao fim.

— O Torkel vai ter de arcar com as consequências — concluiu. — A questão é se te vai arrastar a ti e a toda a unidade na queda.

Estava morto.

Era o único pensamento que lhe ocupava a mente, onde andava às voltas de forma febril.

Partira para sempre. O seu pai estava morto.

As lágrimas brotaram novamente. Em silêncio, mas implacáveis. Parecia que agora eram menos, mas a dor e a tristeza continuavam iguais. Iria senti-las durante muito tempo. Cathy respirou fundo várias vezes para se acalmar. Continuava a sentir o choque como um ser físico no corpo.

Tim não regressara a casa, como lhe prometera, e ela estava a ficar preocupada. Ligara-lhe, sem que ele atendesse. A cada minuto que passava estava mais convencida de que alguma coisa acontecera. Nem parecia dele não avisar se visse que ia chegar tarde ou se tivesse ocorrido uma mudança de planos. Tinham combinado almoçar juntos, passear pelo centro e visitar a embaixada americana às 16 horas para falar sobre o visto de Cathy.

Afinal, não iriam fazer nada disso.

Recebera um telefonema da polícia à hora do almoço.

Uma mulher do outro lado da linha perguntara-lhe se tinha alguma relação de parentesco com Tim Cunningham. Tinham-no encontrado, encolhido, à porta de um prédio perto da praça Stureplan. Provavelmente, um ataque cardíaco, conforme relatado pelos profissionais de saúde da ambulância. O óbito foi declarado no local.

Mergulhada num estado de confusão, Cathy deslocara-se ao hospital Karolinska, para onde o corpo fora levado.

Deambulava pelos corredores até encontrar alguém que soubesse alguma coisa. Por fim, conseguira chegar à Medicina Forense, onde, porém, a informaram de que não poderia ver o corpo. Teria de esperar por um médico responsável e, mesmo assim, não tinham a certeza se poderia vê-lo. As regras eram rigorosas. Desde então, Cathy mantinha-se sentada na triste sala de espera cinzento-azulada, a chorar. Parecia-lhe que estava ali há uma eternidade.

De repente, percebeu que já não se encontrava sozinha. Uma jovem família com duas crianças entrara e sentara-se, guardando uma certa distância dela. A mulher circunvagava o olhar pela sala com olhos vermelhos de tanto chorar, mas sem se fixar em nada; o homem folheava uma revista infantil do ursinho Bamse e ia lendo em voz baixa para as crianças. Estavam ali pelo pai da mulher ou outro familiar chegado, disse Cathy para si, e tentou recompor-se para controlar as lágrimas. Nada de chorar à frente de estranhos. Recebera essa lição da mãe. Não havia motivos para mostrar emoções intensas diante de quem não conhecíamos. Na pior das hipóteses, poderia ser interpretado como um sinal de fraqueza.

Cumprimentou a mulher com um discreto aceno de cabeça e ergueu-se do assento. Por hábito, começou a brincar com o anel de borboleta que usava pendurado num fio ao pescoço. Tinha-o desde que se lembrava, ou mesmo antes. Fora comprado na Tailândia durante o fatídico Natal em que o *tsunami* fustigou o país. Às vezes julgava que se lembrava daquele dia, da água, do caos e do pânico, mas as suas recordações podiam perfeitamente vir de vídeos que vira em diferentes momentos, ou de histórias que ouvira muito mais tarde. Como, por exemplo, que tinham comprado o anel naquele mercado. Era impossível que conseguisse lembrar-se. Dado que toda a sua família sobrevivera, Cathy começou a pensar

que o anel lhe dava sorte. Acariciá-lo costumava infundir-lhe calma. Um pedacinho baratucho de prata nova com pedrinhas vermelhas e azuis que ela sempre associara a uma sensação de segurança, e, por mais que a mãe a abespinhasse, recusara-se a desfazer-se do anel. Nunca quis ter algo mais caro e mais próprio de uma pessoa adulta. Para ela, o anel tinha um significado impossível de expressar em palavras.

Foi uma das poucas batalhas que a mãe nunca conseguiu vencer.

Cathy dirigiu-se novamente à recepção. Agora tinha de saber. O que é que acontecera ao pai? Precisava de o ver. Como é que poderia ter acontecido uma coisa daquelas? Tinha tantos planos. Ela iria aos Estados Unidos, ele a... Estava tão baralhada.

Fora da sala encontrava-se um homem de fato a falar com um membro da equipa. Assim que viu Cathy, terminou rapidamente a conversa e foi ao seu encontro. Não o tinha já visto nalgum sítio?

— Cathy? — perguntou ele, ao mesmo tempo que lhe estendia a mão direita. — Stan Ludlow, colega do teu pai na Heyman & Schroder. Lamento muito a tua perda — continuou em bom inglês, apertando-lhe a mão com afeto.

Agora já estava a reconhecê-lo. Tinham-se visto fugazmente nalgum evento da empresa, e o pai falara-lhe muito bem dele em várias ocasiões.

— O Tim tinha-me posto como pessoa de contacto caso acontecesse alguma coisa, por isso vim logo que pude. Como estás? — prosseguiu em tom afável.

Ela tentou parecer forte, mas não conseguiu. Os olhos inundaram-se-lhe de lágrimas novamente.

— Sei lá. Nem consigo perceber... — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Não precisas de te preocupar com nada. Vamos ajudar-te com toda a parte prática e estaremos ao teu lado. Podes contar comigo para tudo o que precisares.

Cathy nem sabia o que responder. O homem era afável, mas achava estranha toda aquela situação. A Heyman & Schroder sempre estivera em segundo plano, como que a orquestrar a vida de ambos. Agora davam um passo à frente e deixavam-se ver, poucas horas depois de o pai ter falecido.

— Obrigada — respondeu, com certa firmeza na voz. — Ainda nem sequer me deixaram vê-lo, por isso não sei do que preciso.

Stan deu um passo para trás e esboçou um sorriso penitente.

— Peço desculpa. Parece que dei a entender... que vim por uma questão de trabalho. Estou aqui porque prometi ao teu pai. Meu amigo. Ele não queria que ficasses sozinha.

Cathy olhou para ele com uma expressão interrogativa. Não conseguia encaixar o que Stan acabara de lhe dizer.

— Como? Pediu-lhe para vir? Como é que ele ia...? Quero dizer, como é que ele sabia?

Cathy remeteu-se ao silêncio. Stan parecia mais incomodado do que outra coisa; não respondeu, mas o silêncio falava por si. Ela entendia o que dizia, o que significava, mas era impossível. Não podia ser.

— Sabia que ia morrer?

Desejou com toda a alma que Stan lhe dissesse que não, que abanasse a cabeça ou que, por meio de um sorriso triste, dissesse que Cathy percebera mal, mas, em vez disso, Stan limitou-se a acenar brevemente com a cabeça antes de prosseguir.

— Há alguns meses, o Tim fez um exame de rotina, e o médico da empresa descobriu-lhe um aneurisma na aorta, uma hérnia na artéria abdominal. Era bastante grande e tinha muito mau aspeto.

— Sabia que ia morrer e não me disse nada?

Cathy lançou um olhar desafiador ao homem que tinha à sua frente. Agora já não esperava apenas uma resposta negativa, precisava dela. Aquilo era demasiado, tornava-se demasiado grande. Incomportável. Stan olhou para ela com ternura e compaixão.

— Sabia que existia o risco. Falaram da hipótese de se fazer uma operação preventiva, mas era... complicada. Não queria que te preocupasses, considerando a mudança e tudo isso.

Cathy tentou arrumar os sentimentos contraditórios, embora sem grande sucesso. À profunda tristeza em que estava mergulhada, juntava-se agora a repugnante raiva efervescente dirigida ao homem de quem iria sentir saudades o resto da vida.

— Mas sabia que podia morrer? — A sua voz soou mais forte do que queria e pretendia.

Stan esticou-se e voltou a pegar-lhe na mão. Desta vez, de uma maneira mais suave. Um toque consolador.

— Ele acreditava na vida, Cathy. Independentemente do que fizesse ou deixasse de fazer, pensava sempre em ti. Fez o que achava que seria melhor para ti.

— Se calhar devia ter-me deixado participar nessa decisão.

Agora já não conseguia conter as lágrimas. Sentiu um vazio por um instante, como se todas as forças a abandonassem. Stan deu um passo em frente e abraçou-se a ela. Segurou-a, manteve-a de pé. O pai morrera há escassas horas, mas Cathy já sentia uma saudade terrível. Como iria conseguir viver uma vida inteira sem ele? Desde que a mãe morrera, tinham estado só os dois. Em qualquer sítio do mundo, a toda a hora. Juntos. Agora já não havia ali ninguém.

Estava sozinha.

A sensação intensificou-se quando, pouco depois, se viu de pé ao lado do pai, para se despedir. Uma vela acesa num

carrinho de aço inoxidável. Não estava deitado numa cama, mas sim numa maca, metal brilhante e frio, com um lençol branco até ao queixo. Sem janelas, sem móveis. Não era um quarto, nem uma sala, mas sim um aposento em que a morte era um convidado tão habitual que já não era necessário disfarçar quando vinha fazer uma das suas inúmeras visitas.

O médico responsável deixara-os entrar e confirmara-lhes que Tim morrera na sequência da rutura da aorta; com a autópsia tirariam todas as dúvidas. Cathy indagara por que motivo era necessário abrirem-no, mas como fora encontrado na rua, sem uma causa de morte evidente, considerava-se um caso policial, pelo que não tinham outro remédio.

Agora estavam ali, de pé. Em silêncio. A filha de Tim e o colega deste. A família e o trabalho. As únicas coisas que lhe interessavam na vida.

Cathy pediu a Stan que se retirasse. Pegou no cartão de visita que ele lhe ofereceu e prometeu que lhe ligaria caso precisasse de alguma coisa, mas agora preferia ficar sozinha. Assim que o homem abalou, pegou numa cadeira e sentou-se ao lado do que antes fora o seu pai. Manteve-se em silêncio por um tempo, limitando-se a observá-lo. Um rodopio de pensamentos. Por um instante, perguntou-se aonde teria ido parar a roupa que tinha vestida na casa de Bromma quando saíra naquela mesma manhã. Não tinha importância. Via-o em paz, isso tranquilizava-a. Fora rápido? Teria de procurar informações sobre o aneurisma da aorta, conjeturou enquanto lhe acariciava a face gélida.

— Devias ter-me dito alguma coisa — conseguiu articular.

Queria continuar zangada com ele, conseguia lidar com a raiva, mas era-lhe impossível. Agora percebia melhor os últimos acontecimentos. Tudo encaixava. O comportamento estranho que lhe notara. O seu desejo de deixar a casa unifamiliar.

O novo cargo que solicitara noutro país. O facto de ter organizado os estudos de Cathy nos Estados Unidos. Estivera a prepará-la para uma vida sem ele. Era esse o cerne da questão.

Ia ter tantas saudades dele.

Agora não conseguia decidir o que fazer com a sua vaga em Yale, trataria disso mais tarde. A Heyman & Schroder cuidaria de todas as questões práticas, mas havia algo inacabado na Suécia. Algo não verbalizado que, para o pai, era importante, mas que não conseguira terminar. Tinha a certeza de que era algo que ele lhe teria querido explicar, que lhe pesava por dentro. Era impossível dizer o quê, mas, nos últimos tempos, Cathy percebera nele uma certa preocupação. Uma inquietação que a jovem associava àquele psicólogo ao qual, de repente, ele começara a ir, insistindo muito para que a filha o fosse ver também.

Sebastian Bergman.

Respirou fundo.

Tinha bem presente o que queria dizer, mas não sabia como fazê-lo. Intuí-a como ia ser recebida, e isso não lhe facilitava as coisas. Mas dar meia-volta e retirar-se não resolvia nada. Sobretudo após todos aqueles anos em que trabalharam juntos, depois de tudo o que ele fizera por ela. Respirou fundo novamente e, em seguida, pressionou a campainha da porta. A fechadura foi acionada por dentro, mais rápido do que esperava, e, quando a porta se abriu, entendeu o porquê. Ursula.

— Olá, estás por aqui?

Mesmo enquanto pergunta retórica parecia absurda, mas, à medida que a formulava, Vanja sentiu que o que estava obrigada a fazer, já difícil por si só, se tornava ainda mais complicado com a presença da sua colega de trabalho.

— Sim, podes entrar. — Ursula deu um passo para o lado, deixando-a entrar no apartamento. — O Torkel está na cozinha.

Vanja tirou o casaco, pendurou-o no cabide e descalçou as botas antes de acompanhar Ursula até ao interior do apartamento.

Torkel estava sentado à mesa da cozinha. Embora o tivesse visto pela última vez há poucas semanas, pareceu-lhe que estava mais atarracado e, sobretudo, muito envelhecido. Uma sombra do homem que, há menos de um ano, tomara as rédeas da Unidade de Homicídios. Era o resultado de uma conjugação

de tristeza, consumo de álcool e ferimentos graves. Vanja ficara admirada ao saber que lhe iam dar alta. É preciso ver que fora baleado duas vezes e sofrera queimaduras de terceiro grau em ambas as mãos. Naquela altura, porém, os hospitais queriam livrar-se dos doentes o mais rápido possível. Torkel não era exceção. Havia escassez de camas e de pessoal. Uma enfermeira vinha duas vezes por dia ao seu apartamento, para ver como estava, mas de resto tinha de desenvencilhar-se sozinho. Por sorte, Torkel contava com Ursula, que, supunha Vanja, passava ali bastante tempo.

Assim que a viu entrar na cozinha, Torkel ficou radiante, esboçou um largo sorriso e deu mostras de que pretendia levantar-se, mas Vanja adiantou-se e deu-lhe um abraço enquanto ainda estava sentado na cadeira.

— Que alegria ver-te — disse ele, e convidou-a a sentar-se na cadeira em frente. Vanja sentou-se. Ursula ficou de pé na soleira da porta. — Queres beber alguma coisa? — perguntou Torkel, acenando com a cabeça na direção do fogão e do frigorífico.

— Não, obrigada, estou bem.

— Como está a Amanda? E o Jonathan?

— Bem, vão andando bem. A todo o vapor.

Torkel assentiu com a cabeça, e a seguir fez-se silêncio. Podia interpretar-se como um convite para que Vanja expusesse o motivo da sua visita, mas ela preferia adiar essa explicação. Queria desfrutar de alguns minutos de conversa profissional e amigável antes de destruir tudo.

— Como é que estás? — quis saber.

Torkel encolheu os ombros e abriu os braços com as mãos protegidas por luvas de algodão.

— Bem... o melhor possível, acho eu, atendendo às circunstâncias. Estou sóbrio. Outra vez.

— Folgo em saber. — Vanja não conhecia muito bem o historial de Torkel com a bebida. Ursula não lhe contara nada, e Vanja não quisera perguntar. — E o corpo? Mãos e tudo?

— Vão-se curando, aos poucos. Dos ferimentos de bala, hei de recompor-me. As mãos... Dizem que não voltarão a ser mãos como deve ser.

Vanja assentiu em silêncio com um gesto de compaixão, ao mesmo tempo que sentia um surto de ira a formar-se no seu seio.

Sacana do Billy!

Sacana de merda!

Desde que o tinham detido, Vanja obrigara-se a não pensar nele. Sofria demasiado, zangava-se demasiado. De todas as traições que sofrera nos últimos anos, começando pela da mãe, a de Billy era a pior de todas. O seu melhor amigo, uma pessoa em quem confiava cegamente, a quem incumbia de ir buscar e cuidar da sua filha. Agora voltou a afastar os pensamentos, mas, pelos vistos, Torkel não pretendia facilitar-lhe a tarefa.

— Tens visto o Billy? — perguntou-lhe.

— Ainda não.

— Falaste com ele alguma vez, depois de tudo o que aconteceu?

— Ainda não.

— Fez asneira da grossa — disse Torkel num tom quase melancólico.

Vanja teve de conter uma risada de escárnio. «Asneira da grossa» era o eufemismo do ano, sem dúvida.

— Mas apanhámo-lo — fez-se ouvir a voz de Ursula no vão da porta. — Graças a ti e ao Sebastian.

— E a ele, costumava vê-lo? Ao Sebastian — perguntou Torkel.

— Às vezes vai buscar a Amanda à escola, mas é a única coisa. Não falamos. — Lançou um olhar fugaz a Ursula, que

não fez nenhum esgar que expressasse o que pensava a esse respeito. Algo acontecera entre ela e Sebastian. Algo que fez com que ela se distanciasse completamente dele. Vanja não sabia o quê, partilhar assuntos particulares e pessoais nunca fora próprio de Ursula. Nem de Vanja, para sermos sinceros.

A cozinha mergulhou novamente em silêncio. Vanja contorceu-se na cadeira. Tanto Torkel quanto Ursula sabiam que não viera apenas para dar dois dedos de conversa. Chegara a altura de abordar a questão.

— A verdade é que esse é o motivo pelo qual estou aqui — começou, encarando os dois. — Por causa do Billy.

— Ah. — O monossílabo revelava um certo ceticismo e a certeza de que, fosse qual fosse o assunto, não iria ser propriamente do seu agrado.

— Falei com a Rosmarie hoje de manhã...

A reação foi mais ou menos a esperada. Ursula bufou com desdém, e Torkel esboçou uma espécie de sorriso enviesado, como se lhe sobrasse uma réstia de humor ao prever a desgraça que poderia vir dali.

— E o que é que ela te disse? — quis saber, inclinando-se para Vanja, que hesitou alguns segundos, mas não havia nenhuma forma agradável de transmitir o que tinha para dizer.

— Está a pensar em realizar uma conferência de imprensa amanhã e lançar todas as culpas para cima de ti, alegando que descuraste as tuas obrigações e que foste negligente.

— Rata nojenta — murmurou Ursula.

Torkel limitou-se a assentir, como se fosse mais ou menos o que esperava da sua antiga chefe.

— Os presentes vão ficar a saber porque é que deixaste o trabalho, o problema que tens com o álcool, tudo isso... — prosseguiu Vanja.

— O Billy esteve em ação vários anos antes de ele começar a beber — replicou Ursula.

— Eu sei, já lhe disse.

— O que é que lhe disseste mais?

Vanja virou-se para ela. Teria notado um certo tom de reprovação nas palavras da sua colega? O olhar que lhe lançou confirmou a sua suspeita. A irritação voltou a aflorar. Nada daquilo era culpa dela, porra. Ela era apenas a mensageira.

— Disse-lhe que nenhum membro da equipa suspeitava de nada, que o Billy nos enganou a todos, que não é justo fazer do Torkel um bode expiatório.

— Salvar a própria pele é o que ela sabe fazer melhor — sentenciou Torkel.

— Vais estar presente na conferência de imprensa? — Aparentemente, Ursula não estava disposta a deixar o envolvimento de Vanja no assunto de lado.

— Não tenho grande alternativa. Compete-me a mim falar do caminho a seguir daqui em diante.

— Do *teu* caminho daqui em diante?

Bom, já ouvira demais. Vanja não pretendia ficar ali sentada a deixar que a acusassem de transmitir as mensagens a Rosmarie, de usar Torkel como um trampolim para a sua própria carreira profissional. Fizera tudo o que estava ao seu alcance, não era ela quem estava no topo da hierarquia, só isso.

— O *nosso* caminho daqui em diante. A alternativa é a Rosmarie continuar a atirar as culpas para cima do Torkel e, por arrasto, dismantelar a Unidade de Homicídios. Não me parece que alguém vá ganhar alguma coisa com isso.

Ursula não disse nada, mas cruzou os braços sobre o peito, claramente descontente.

— A culpa não é tua — disse Torkel com voz profunda, e lançou um olhar a Ursula. — Tenho a certeza de que fizeste o que pudeste. Todos conhecemos a Rosmarie.

— Lamento imenso — respondeu Vanja com total sinceridade. — Mas acho que devias desligar o telemóvel e não ver notícias durante uns tempos.

— Eu cá me arranjo. Obrigado por me avisares.

— Era o mínimo que podia fazer.

Os seus olhares encontraram-se por cima da mesa. Torkel esboçou um sorriso tranquilizador, e Vanja sentiu novamente o quanto ele significava para ela, reconhecendo-o como um homem genuinamente bom. Esticou-se sobre a mesa para lhe pegar nas mãos, mas deteve o gesto ao ver novamente as luvas brancas.

— Lamento imenso, a sério — repetiu.

— Já sei.

O telemóvel de Vanja começou a tocar. Olhou para o ecrã. Número desconhecido. Atendeu a chamada. Aparentemente, a polícia de Västerås queria falar com ela.

Após uma breve conversa e depois de receber uma fotografia da cena do crime, Vanja virou-se para uma Ursula claramente curiosa.

— Temos trabalho.

Assim que My abriu a porta e o deixou passar, reparou que alguma coisa não estava a correr como devia. Evidentemente. My, como mãe estrepante, deveria estar em casa, com os seus dois gémeos recém-nascidos, completamente imersa nos cuidados maternos. Em vez disso, estava a tentar digerir que o homem que amava e com quem se casara, o pai dos seus filhos, confessara uma série de crimes que o tornavam um dos piores assassinos de todos os tempos na Suécia. Assim, nada corria como devia, mas a coisa hoje parecia pior do que o habitual. O cabelo de My pendia sujo e mortiço em redor do rosto pálido e macilento, dominado pelos papos escuros sob os olhos. Dava a sensação de que só tinha vestido umas calças de fato de treino sujas por baixo da *T-shirt* XL que usava como camisa de dormir. Ficar sozinha com dois bebés é extenuante para qualquer um, mas Sebastian teve a sensação de que, no caso de My, a coisa não se resumia a noites sem dormir e falta de sono.

Fora o primeiro a contar a My as suspeitas que tinham contra Billy, fora ele a dirigir as investigações que, finalmente, levaram a que fosse denunciado. Por isso mesmo, sentia-se parcialmente responsável pela situação em que ela se encontrava, pelo facto de a sua vida se ter desmoronado. Era uma tolice e uma irracionalidade, sem dúvida, e não era nada dele, mas afinal, de todas as pessoas que conhecia, My era a mais afetada, e por vezes Sebastian não sabia muito bem como reagiria a longo prazo. Era por isso que procurava manter o contacto. E também porque a perspectiva de My sobre os acontecimentos,

a sua história, seria importante e constituiria a parte emocional do seu próximo livro.

— Queres café? — perguntou My enquanto ele tirava o casaco e os sapatos.

— Só se tu tomares.

— Então, esquece.

My convidou-o a entrar na sala, onde havia muito poucos indícios, ou nenhum, de que a pessoa que ali morava acabara de ter gémeos. Nada espalhado pelo chão, as almofadas decorativas bem arrumadas no sofá, telecomando e bases para copos na mesa de centro. Flores acabadas de cortar nas janelas.

— Os miúdos estão a dormir? — perguntou Sebastian enquanto passeava o olhar pelo apartamento silencioso.

— Não estão cá.

Por um breve e arrepiante momento, Sebastian teve uma sensação de que algo terrível acontecera, que a serenidade de My, quase desligada do mundo exterior, escondia uma tragédia.

— Onde é que estão? — perguntou, e, para sua alegria, notou que a breve frase não deixava transparecer a sua inquietação.

— Com a minha mãe. — My sentou-se no sofá e levantou os pés. Pegou numa das almofadas e abraçou-a, enquanto Sebastian se sentava na poltrona em frente. — Eu... As coisas pioraram. Mal conseguia olhar para a cara deles. Muito menos abraçá-los e dar-lhes de mamar...

Pelo tom de voz, parecia que iria desatar a chorar, mas os olhos permaneceram secos e fixos em Sebastian. Conseguiu distinguir neles parte da antiga My. Decidida, determinada, sagaz.

— Não é culpa das crianças, nada disto é culpa delas, eu sei, mas não consigo. Fazem-me lembrar tanto o pai que não consigo lidar com a situação.

— Dá tempo ao tempo e...

— Não é uma depressão pós-parto — interrompeu-o, inclinando-se para a frente. — Não vai passar, Sebastian. Matou oito pessoas. Porque lhe apetecia. Porque lhe dava prazer.

Não é o caso das três primeiras, pensou Sebastian. *Foram elas que lhe fizeram ganhar o gosto*. Não era coisa que pensasse partilhar com My, obviamente. Aquele pormenor não fazia diferença praticamente nenhuma.

— Mas os teus filhos não são ele — tentou.

— Metade deles é.

De certa forma, a aversão e a preocupação de My eram compreensíveis. Embora Sebastian percebesse a sua razão de ser, pareciam-lhe desnecessárias e exageradas. Poderia o impulso assassino de Billy ser algo genético? A «cobra» de que ele sempre falava, a que o impulsionava, o que era, afinal? De onde vinha? Para Sebastian, a resposta era óbvia. Parecia-lhe conhecer suficientemente a psique humana para argumentar que os atos e as experiências das pessoas, as relações que criavam e as vivências que tinham não se circunscreviam ao âmbito genético. Ninguém nascia assassino.

— Isso não significa que vão ser como ele — decidiu dizer. — Se quiseres meter a herança genética na equação, metade deles vem de ti.

— Sim, se calhar ele só lhes transmite o gene de mentiroso, infiel e putanheiro.

Amargura. Ira. A longo prazo, acabariam por consumi-la.

— Ele não era só isso — disse Sebastian com calma.

— Pára de o defender!

— Não estou a defendê-lo a ele, mas sim as crianças.

Por um instante, o espírito beligerante pareceu abandoná-la. My suspirou profundamente, recostou-se no sofá e abraçou-se à almofada com mais força.

— Já sei. Já sei que, ao crescer, não se vão tornar automaticamente assassinos em série. O problema não é esse.

— Então, qual é? — perguntou Sebastian com interesse sincero.

Apesar da situação difícil de My, ou talvez graças a isso, as conversas com ela eram o que mais motivava Sebastian atualmente. Billy fechara-se cada vez mais em copas. À medida que ia vendo a realidade e as consequências dos seus atos, parecia que ia ficando gradualmente sem palavras. O facto de, naquela manhã, terem encontrado o corpo de Hugo Sahlén só piorara a situação. Billy não abrira a boca durante todo o caminho de regresso à prisão preventiva; limitara-se a olhar pela janela, sem sequer responder quando o interpelavam. My, essa, falava, verbalizava — ou pelo menos tentava verbalizar — os seus sentimentos. Havia uma parte da sua maneira de lidar com o que acontecera, a forma como deixava que isso a definisse, que Sebastian reconhecia bastante bem. Deveria incluir esse aspeto no livro? Incluir a sua própria experiência do que era a perda? Torná-lo mais pessoal? Valia a pena pensar nisso, mas não agora.

— É... — começou My, mas fez uma pausa, como que para procurar a melhor forma de se expressar. — O problema é que eles são um lembrete constante de coisas que eu só quero esquecer.

Ele e My eram, de facto, iguais. Quantas vezes Sebastian não tentara apagar da sua mente tudo o que acontecera no dia vinte e seis de dezembro de 2004, sem nenhum sucesso?

Este ano completar-se-iam dezanove anos.

Dezanove anos durante os quais não se permitira ser feliz, pensando não o merecer. Sozinho na escuridão. Milhares de dias que se tinham fundido até se converterem num mesmo lodo infinitamente asfixiante em que as conquistas sexuais

pontuais e sem sentido se tinham tornado uma ferramenta para reprimir os seus pensamentos, para conseguir manter a cabeça à superfície e permitir-se respirar por breves instantes.

Agora já tinha deixado isso para trás.

Conseguira construir uma vida nova.

Para ele tinha sido uma necessidade, e assim seria para My.

— Agora fazem-te lembrar o Billy, mas vais conseguir distinguir uma coisa da outra. — Inclinou-se para a frente e procurou-lhe o olhar. — O que ele te fez e o que as crianças significam para ti. Serão duas coisas separadas.

— Vou entregá-los para adoção.

Sebastian não sabia bem de que resposta estava à espera, mas não era daquela de certeza. Seria, aliás, possível fazer uma coisa dessas? O seu semblante terá certamente refletido as dúvidas que o assaltavam, pois My prosseguiu:

— Os tribunais e os serviços sociais têm de intervir, mas é possível fazê-lo. Se for para o bem das crianças.

— E tens a certeza de que é?

— Merecem alguém que os ame a sério.

A convicção e a sinceridade na sua voz estancaram as réplicas de Sebastian. O que quer que dissesse não faria My mudar de ideias, pelo menos hoje.

— Quero pedir-te um favor — continuou My com voz firme.

— O quê?

— O Billy tem custódia legal, tem de dar o seu consentimento. Da próxima vez que o vires, pede-lhe que aceite.

— Não vai aceitar.

— Convence-o. De qualquer forma, ele não fará parte da vida das crianças.

— Como dizes e bem, tem custódia legal...

— Pois é, pois é — interrompeu-o My. — Se calhar têm

de ir vê-lo à prisão, não sei, mas... não vão conhecê-lo, não será uma parte importante na vida deles, disso trato eu.

— Está bem, eu explico-lhe.

— Certo.

Sebastian sentiu que se poderia discutir se aquilo era bom ou não, mas, mais uma vez, preferiu não dizer nada. Perguntaria a My noutra altura se ponderara bem a sua decisão, quando tivesse passado mais tempo. Sem conhecer os trâmites, intuía que um processo de adoção desse tipo deveria ser bastante lento. Se conhecia bem Billy, este recusaria e criaria todos os entraves possíveis até ao fim. De alguma forma, Sebastian sabia que Billy continuava agarrado a uma esperança ingénua de que, com o tempo, o relacionamento com My voltaria a ser mais ou menos normal. Talvez ela não conseguisse perdoar-lhe, mas entendê-lo, tolerá-lo. Um desejo cego de poder conservar algo da sua vida anterior. Billy, porém, não vira a My que Sebastian tinha agora à sua frente.

— Não tens intenção de falar com alguém? — perguntou com cuidado, inclinando-se para a frente.

— Falar com quem?

— Um terapeuta. Alguém que possa ajudar-te a superar tudo isto.

— Já te vejo a ti.

— Eu não sou teu terapeuta, sou teu amigo.

— Acho que preciso mais de um amigo do que de um terapeuta, mas agradeço na mesma.

O telemóvel de Sebastian começou a vibrar-lhe no bolso. Numa situação normal tê-lo-ia ignorado, mas agora sentia-se quase grato pela interrupção. Com um gesto de desculpas, tirou-o do bolso. Vanja. Por um instante, pensou que se tinha esquecido de ir buscar Amanda ao infantário, pois hoje era a vez dele, mas, para começar, nunca se esquecia de uma coisa

dessas, e, em segundo lugar, caso se tivesse esquecido, Vanja já lhe teria ligado há muito tempo. Mas nunca lhe telefonava a não ser por algum assunto relacionado com Amanda, pelo que atendeu a chamada com uma certa inquietação.

Vinte minutos depois, Vanja foi buscá-lo ao apartamento de My e puseram-se a caminho de Västerås.

Já há algum tempo que, só pelo cheiro que pairava no ar, sabiam que estavam a aproximar-se. Mesmo assim, quando saíram do carro no pátio, não conseguiram evitar o choque. O fedor era realmente insuportável.

— Foda-se, que pivete! — exclamou Sebastian, enquanto fazia o que podia para respirar superficialmente pela boca.

— Mil e seiscentos porcos — disse Vanja, olhando para ele com um leve sorriso.

— Como é que alguém consegue trabalhar aqui?

— Acho que uma pessoa se habitua.

— A trabalhar com porcos? Sim, uma pessoa habitua-se — confirmou Ursula.

Sebastian ignorou a ferroada e encaminhou-se para o enorme edifício que se erguia mais adiante. Vários carros-patrolha defronte, um agente uniformizado e um cordão policial. Uma equipa de técnicos forenses a quem Ursula se dirigiu. Mal abrira a boca no carro durante a viagem de uma hora e picos que tinham feito juntos. Era a primeira vez que se viam após os acontecimentos na casa de Torkel. Sebastian sabia que ela o acusava de que tudo tinha corrido tão mal por não a ter avisado. E não sem certa razão, tinha de reconhecer Sebastian.

Quando foram buscá-lo, ele sentou-se no banco de trás. Ursula não lhe oferecera o lugar do copiloto, apesar de ele ter quase mais vinte centímetros de altura. Sebastian fechara a porta, e tinham empreendido a viagem mergulhados num silêncio que, segundo Sebastian, não era nada agradável.

— O que é que sabemos sobre esta história de Västerås?
— perguntara depois de saírem de Estocolmo, quando Vanja aumentara a velocidade pela via rápida E18.

— O que comentei por telefone e o que viste na foto que te enviei.

A fotografia, sim. Obviamente, havia a possibilidade de que se referissem a outra pessoa, que não tivesse nada que ver com ele, mas Vanja, obviamente, não via as coisas dessa maneira. E ele sinceramente também não.

— Li na Internet que encontraram outro corpo — dissera alguém do banco da frente.

Não tinha sido ele a meter Billy ao barulho. Fora Vanja. Não fora ele. O mínimo que podia fazer era responder, certo?

— Sim, Hugo Sahlén — confirmara ele, lançando um olhar a Ursula.

— Também estavas lá?

— Sim.

— Porquê? — perguntara Ursula, sem desviar o olhar da estrada.

— Ele tinha-me pedido. Vejo-o de vez em quando.

— Porquê?

— Precisa de alguém com quem possa falar. — O leve resmungo de Ursula deixava claro o que pensava a esse respeito. — Houve algumas mudanças nele desde que foi preso — acrescentara Sebastian.

— Está arrependido?

Sebastian hesitara. Não havia uma resposta simples para aquela pergunta. Não poderia reduzir-se meramente a um sim ou não. Não tinha a certeza se Ursula estaria interessada nos fatores psicológicos envolvidos no caso de Billy, mas ele estava determinado a tentar de qualquer forma.

— Não há dúvida de que se arrepende das consequências. Dos atos em si... Quem os cometeu não é o Billy que nós conhecemos, por isso... nem sequer ele tem a certeza de como se deve posicionar a esse respeito.

— E estás a ajudá-lo com isso?

— Estou a tentar.

Pela primeira vez desde que Sebastian se sentara no banco de trás, Ursula virou-se para olhar diretamente para ele.

— Porquê? Para ti, o Billy não vale um caralho, mas fez mal a várias pessoas que, como tu dizes, te são importantes.

— Já sei.

— Então, porquê tudo isso? Por seres tão boa pessoa que pensas nos outros e ajudas os teus congéneres?

Era impossível ignorar a ironia fulminante. Ursula devia ser a pessoa que melhor conhecia Sebastian em todo o mundo. Se queria ter hipótese de fazer com que o relacionamento deles funcionasse minimamente bem, era melhor não lhe mentir.

A ela não. Nunca mais.

— Estou a escrever um livro sobre ele.

— E ele sabe disso?

— Ainda não.

— Acredito que sim. — Ursula esboçara um sorriso malicioso. — Aproveitares-te de alguém por interesse pessoal, isso já parece mais típico teu. — Novamente, Sebastian teve de reconhecer que Ursula tinha uma certa razão. A sua companheira acomodara-se no assento e voltara a olhar para a frente.

— A Vanja corre um risco mais do que considerável levando-te a Västerås. Não é que a Rosmarie te tenha propriamente na sua lista de desejos.

— Com aquilo que está escrito na parede, acho que não têm grande opção.

— Há sempre opção, uma pessoa pode fazer o que está certo ou pode fazer o que não está.

Também é verdade. Ele passara muitos anos a fazer más escolhas para se castigar a si próprio, porque escolher a opção certa poderia dar-lhe um eventual brilho de alegria e felicidade que não merecia.

— Obrigada — dissera-lhe Vanja.

— Não me agradeças, vê só se eu não me arrependo das minhas decisões.

Sebastian assentira com a cabeça e reclinara-se no assento. Aquelas mesmas palavras empregara-as Torkel no dia em que voltara a integrar Sebastian no grupo em Västerås, há uns anos. E veja-se como estava agora...

O resto da viagem decorrera em silêncio.

Agora deixaram-nos passar por baixo da fita policial, e um agente à paisana veio ao seu encontro com a mão estendida. Quarenta e cinco anos, talvez, cabelo castanho algo encanecido nas têmporas. Tênis, calças chino e uma camisola com capuz debaixo de um colete acolchoado. Com aquela indumentária, parecia que tinha vindo diretamente de um churrasco com a família e uns amigos.

— Olá, chamo-me Radjan Micic, fui eu que vos liguei.

— O que é que sabem? — perguntou Vanja depois de lhe apertar a mão e de todos se terem apresentado.

— A quinta é administrada pelo casal Machado. Um dos proprietários encontrou a vítima — disse, apontando com a cabeça para uma mulher de uns trinta e cinco anos com roupa de trabalho que, um pouco afastada, falava com um agente de uniforme. — Mulher, ao que parece com cerca de sessenta anos, ainda por identificar. Pedimos-lhes que tirassem os porcos, mas quando soubemos que vinham, ou melhor, que vinha a Ursula, deixámos tudo como estava.

Sebastian sorriu interiormente. As autoridades locais nunca confiaram em Ursula no que toca à inspeção de uma cena de crime, e ela nunca se coibira de partilhar a sua opinião em voz alta. Ficaria orgulhosa ao ver que se fizera respeitar, pelo menos em Västerås. Talvez mais tarde lhe explicasse. Sebastian precisava de algo que lhe permitisse somar pontos a seu favor.

— Os donos estiveram envolvidos nalguma coisa recentemente? — ouviu Vanja a perguntar.

— Nada de que tenhamos conhecimento.

— Está bem, obrigada.

— Se calhar nem se lembram — continuou Radjan com um leve sorriso. — Mas vimo-nos da última vez que estiveram aqui. O rapaz do liceu Palmlövskå que alvejou o amigo dele.

Foi no ano em que a mãe de Sebastian morreu e ele regressou à sua cidade natal, depois de anos a fio sem lá pôr os pés. A primeira vez que voltou a trabalhar com a Unidade de Homicídios após uma década. A primeira vez que viu Vanja.

Passara tanto tempo.

Acontecera tanta coisa.

— Não, não nos lembramos — disse Sebastian, devolvendo o sorriso. — Lembramo-nos do caso, mas não de ti.

— Eu trabalhei com o Thomas Haraldsson...

— Certo... Fizeste alguma coisa digna de nota?

— Pelos vistos, não.

Sebastian sentiu o olhar de Vanja, mais do que o viu, antes de ela voltar a agradecer pela ajuda — com um tom apologético —, após o que os dois se dirigiram juntos à proprietária.

— Vanja Lithner, Unidade de Homicídios — apresentou-se ao aproximar-se. — O meu colega Sebastian Bergman.

— *Aquele* Sebastian Bergman? — perguntou a mulher, lançando-lhe um olhar de curiosidade.

Por um momento, Sebastian pensou que tinham dado com uma fã dele. Ultimamente, não eram muitos os fãs, mas os poucos que restavam eram todos mulheres. Olhou para ela um pouco mais do que o necessário. Olhos castanhos, cabelo curto e escuro, sem maquiagem, uma figura bastante convencional sob a roupa folgada que trazia vestida. Demasiado jovem para ele. Se fosse há uns tempos, talvez tivesse tentado levá-la para a cama de qualquer maneira, mas agora não, já não. Depois do que acontecera em Uppsala, não. Além disso, percebeu logo que não havia qualquer admiração no olhar da interlocutora, nem sequer reconhecimento. A mulher estava a referir-se apenas à parede que aparecia na fotografia.

— Sim, provavelmente, *aquele* Sebastian Bergman — confirmou ele, acenando com a cabeça.

— Como se chama? — perguntou Vanja.

— Erika Machado. Eu e o meu marido somos os donos disto.

— Já sei. Explique-nos o que aconteceu.

— Ainda agora expliquei — disse Erika, apontando com o queixo para o agente de uniforme que estava a falar com Micic.

— A mim não.

— Cheguei pouco depois das quatro, entrei, havia uma atividade pouco habitual numa das jaulas, fui ver o que era e lá estava ela. Chamei a polícia, e aqui estão vocês.

— Sabe quem é?

— Mal a vi, mas acho que não.

— Estava sozinha aqui? Não havia mais pessoal?

— Trabalham das seis às duas.

— Depois dessa hora não há ninguém aqui?

Erika negou em silêncio.

— Só é preciso servir a ração à tarde, isso é feito de forma automatizada.

— E o que estava a fazer aqui? — aproveitou para perguntar Sebastian.

— Esta manhã um dos dispensadores estava estranho, queria dar uma vista de olhos.

— Ocorre-lhe alguma razão pela qual isto possa ter acontecido na vossa quinta?

— Não, nenhuma.

— Não aconteceu nada de estranho ultimamente?

— Não.

Vanja observou o pátio em frente ao enorme pavilhão, que mais parecia um hangar do que uma exploração suinícola.

— Têm câmaras?

— Há algumas do lado de fora, mas nenhuma lá dentro. De vez em quando recebemos a visita de animalistas e veganos...

— Guardam as gravações em algum sítio?

— São ativadas com o movimento. Se forem ativadas, os dados são guardados.

— Pode verificar se foram ativadas hoje?

— Claro.

— E mantenha-se por perto, se não se importa, talvez precisemos de lhe fazer mais umas perguntinhas.

Erika acenou com a cabeça e Vanja encaminhou-se para o edifício. Sebastian seguiu-a.

O fedor era ainda mais intenso no interior, como seria de esperar. Como se uma caixa de areia esquecida tivesse acasalado com amoníaco puro e a seguir alguém tivesse cagado na prole resultante. Sebastian teve de se esforçar para reprimir o reflexo de vômito automático.

Havia suínos por todo o lado.

Um mar de lombos de porco que se estendia a todo o comprimento do pavilhão. A grunhir, a guinchar, a fossar, deitados,

a dormir. Jaula atrás de jaula em longas filas de ambos os lados do estreito corredor de betão pelo qual caminhavam. Cercas de metal que lembravam cercas antiavalanche mantinham o corredor limpo e os animais separados. Uma armação de lâmpadas fluorescentes a meio do teto iluminava suficientemente o recinto, mas as jaulas que estavam coladas às paredes exteriores permaneciam numa penumbra constante. Não havia janelas. No teto, chapa ondulada; tubos expostos a cruzar o espaço. Se de fora fazia lembrar um hangar, lá dentro não havia a menor dúvida do que se tratava.

Uma indústria. Uma fábrica.

Sebastian comia *bacon*, lombo e presunto, mas havia algo na experiência de ver todos aqueles animais — que, segundo lera num artigo, eram sociais, atentos e mais inteligentes do que a maioria dos cães — amontoados e sem nada para fazer a não ser esperar pela morte.

Continuaram a avançar na direção da única jaula vazia, que ficava à esquerda, perto da parede da fachada frontal. Ao passar pelas restantes jaulas, vários focinhos curiosos assomaram para farejar. Quando chegaram, detiveram-se e contemplaram a cena à sua frente.

A mulher estava deitada de barriga para cima no chão de betão, a meio da jaula. Envergava uma *T-shirt bordeaux*, calças claras, sapatos de lona e meias. Tinha feridas profundas que brilhavam nos seus braços, mãos e rosto. Na mão direita, faltava-lhe um par de dedos. Ursula estava de cócoras ao lado dela, vestida com o fato-macaco branco de proteção. Os técnicos forenses da polícia local trabalhavam ao seu redor.

— Morreu aqui entre as duas e as quatro — disse Vanja, sem se dirigir a ninguém em concreto.

— Morreu antes disso — afirmou Ursula.

— Quanto tempo antes?

— Não sei, mas de certeza que foi antes.

Embora Ursula estivesse de costas para ela, Vanja apontou para as feridas do corpo com o queixo.

— As feridas?

— *Post mortem*. Os porcos estiveram a mordiscá-la.

Vanja fez uma careta. Os dedos que faltavam tornavam a cena ainda mais macabra. Esperava que soubessem que porcos é que estavam naquela jaula, para que não os abatessem nem vendessem. Não era problema dela, a não ser que Ursula quisesse encontrar e analisar as partes que faltavam.

— Pensei que fosse um mito, essa história de os porcos comerem pessoas.

— Pelos vistos, não.

— Achas que morreu aqui?

— Não. — Ursula afastou-se um pouco para o lado e comprimiu suavemente o tórax da vítima. No brilho frio das lâmpadas fluorescentes, Vanja conseguiu ver um fio de líquido transparente a escorrer-lhe pela face. — Morreu afogada.

— E a seguir puseram-na aqui. Deve haver uma razão para isso.

Teriam de investigar o casal Machado e os seus funcionários mais a fundo. Verificar se havia algum quadro de ameaça, se tinham estado envolvidos nalguma coisa no passado, se conheciam a mulher que morreu...

— Olhem-me só para isto.

Vanja virou-se. Sebastian tinha dado alguns passos em frente e estava diante do que parecia ser uma pequena arrecadação no canto do edifício. Paredes feitas de tábuas grossas, uma porta simples com gancho, sem teto.

RESOLVE ISTO, SEBASTIAN BERGMAN

Letras grandes e vermelhas na parede, que estava por pintar. Vanja aproximou-se da inscrição.

— É sangue?

— Tinta. — Sebastian fez um gesto na direção de uma lata de tinta vermelha que se via no chão, ao pé da parede. Um pincel repousava ao canto.

— O que significam os números?

Sebastian olhou na direção em que Vanja estava a apontar.

304136

— Sei lá. Um número de telefone?

— De quem, se assim for?

Sebastian encolheu os ombros. Não sabia. Obviamente, a morte da mulher e o festim que os porcos tinham feito com o seu corpo era uma coisa terrível, mas não podia negar que havia muitos pormenores no local da descoberta que lhe despertavam o interesse. A pessoa que montara toda aquela cena tinha a sua graça.

Na verdade, não havia motivo para se alegrar por ser algo pessoal; Sebastian já passara por isso noutra ocasião. Edward Hinde usara Ralph Svensson para matar mulheres com quem Sebastian tinha tido relações sexuais. O seu livro *O Discípulo* debruçava-se sobre o tema.

Mas não conhecia a mulher que jazia na jaula dos porcos. Pelo menos, era o que lhe parecia. Não a reconhecia.

Se era uma vítima desconhecida para ele, tudo se resumia a um desafio. Alguém o estava a pôr à prova, querendo medir forças com ele. A mulher, o local, o número, tudo deveria dizer-lhe algo, algo que Sebastian deveria ser capaz de decifrar. Isso despertava-lhe o interesse. Ali de pé, diante da parede com a exortação e o número, com a mulher morta na jaula dos porcos, Sebastian sentiu-se mais revitalizado do que nunca.

A SÉRIE POLICIAL NÓRDICA DE MAIOR SUCESSO INTERNACIONAL

UM *THRILLER* SEBASTIAN BERGMAN

«É fácil perceber porque é que os leitores de policiais de todo o mundo se tornaram viciados em Sebastian Bergman. Hjorth e Rosenfeldt conseguem manter o *suspense* até à última página, e as surpresas continuam a acumular-se.»

Nettavisen (Noruega)

«Um novo caso cheio de mistério, reviravoltas e muita tensão. Os autores sabem perfeitamente como ativar os mecanismos de *suspense*, introduzir surpresas e prender o leitor. As quase quinhentas páginas farão com que os fãs de *thrillers* nórdicos devorem o livro com enorme entusiasmo.»

Esquire (Espanha)

«Uma leitura muito interessante, com diferentes fios que se unem num final dramático. Há muito a destacar nestes autores, nomeadamente a sua capacidade de criar com mestria até pequenos papéis secundários, mas são sem dúvida muito bons a ligar histórias realmente emocionantes.»

Kapprakt (Suécia)

«Um livro com uma rica galeria de personagens em que se pode esperar grandes doses de tensão.»

Adresseavisen (Noruega)

«*O Peso da Culpa* é um *thriller* cheio de ação e de grande tensão. Não consegui largar o livro; gostava de lhe poder dar um 6 (em 5), porque simplesmente não há nada melhor do que isto.»

Krimlitteratur (Noruega)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895832040



9 789895 832040 >